

Teorias da comunicação versus teorias da educação à distância nos ambientes digitais de aprendizagem: governança ou gestão da comunicação?¹

Silvana de Cássia MARTINSKI²
Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O trabalho explora as principais teorias da Educação a Distância e da Comunicação com o objetivo de revisar conceitos e abordagens que convivem de forma antagônica ou complementar em “governar” ou “gerir” a comunicação nos espaços digitais de aprendizagem. O objeto de estudo para refletir sobre as teorias, são os espaços digitais de aprendizagem que estão inseridos na gestão da Educação a Distância (EaD), que se caracteriza pela distância física entre os atores do processo educacional e está inserida na grande área da Educação. Uma das principais lacunas na gestão da educação à distância, por ser uma área multi e interdisciplinar, são os investimentos em pesquisas que permitirão potencializar o desenvolvimento de ambientes/sistemas que valorizem os processos e práticas comunicacionais e as respectivas interconexões plurívocas.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias; Comunicação; Educação; Educação a Distância.

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EaD) se caracteriza pela distância física entre os atores do processo educacional e está inserida na grande área da Educação. A EaD iniciou de forma modesta no Brasil e ainda sofre preconceitos, por ser uma modalidade que privilegia o uso das tecnologias disruptivas para educação. Apesar dos avanços e retrocessos começa a ganhar espaço e a tendência é estar situada em um dos pilares para o desenvolvimento efetivo da educação superior no país.

O presente artigo está inserido no campo de pesquisa da área de Comunicação, em específico aos estudos dos espaços digitais de aprendizagem por meio das Tecnologias de Interação e Comunicação (TIC). A abordagem se dará para as grandes áreas da Comunicação e da Educação com o objetivo de estabelecer uma tensão entre as

¹ Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Curitiba – PR, realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Doutoranda do Curso: Comunicação e Linguagens da TUIUTI-PR, e-mail: martinski@gmail.com.
Membro do Grupo de Pesquisa do PPGCOM-UTP/INCOM - Imagens, Sentidos e Regimes de Interação.

respectivas teorias e responder a pergunta: qual a importância da “governança e gestão”³ da comunicação nos espaços digitais de aprendizagem? A cultura da convergência digital na contemporaneidade inspira transformações pedagógicas inovadoras, porém na prática, ainda esbarra no conservadorismo docente, na estagnação dos alunos e possui indícios de que a cultura colaborativa e inspiradora faz parte deste cenário, de forma ainda incipiente.

Uma das principais lacunas na gestão da educação à distância, por ser uma área multi e interdisciplinar, são os investimentos em pesquisas para potencializar a gestão das práticas pedagógicas voltadas para o uso das tecnologias. Na literatura atual sobre EaD, há autores que colocam em relevo as teorias educacionais em detrimento às teorias do design, da psicologia, da comunicação, das ciências da computação e da administração que se complementam de forma plural e contínua em todos os espaços digitais de aprendizagem.

De acordo com as pesquisas inovadoras na área que estão relacionadas com o tema deste artigo, serão apresentados: (i) os principais teóricos da EaD, que tratam dos conceitos sobre a teoria da industrialização, teoria da conversação didática guiada, teoria da aprendizagem independente e teoria da distância transacional. (ii) A seguir será realizado um contraponto entre as teorias da comunicação e da educação formal para estabelecer um entendimento sobre a diferença entre governança e gestão da comunicação nos espaços digitais de aprendizagem e as considerações finais irão sintetizar as análises e reflexões realizadas.

PRINCIPAIS TEORIAS DA EDUCAÇÃO PARA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A educação a distância iniciou com as ciências da educação desenvolvidas em conjunto com as teorias da comunicação e dos meios de comunicação. Seu campo científico se diferencia da educação formal, por seguir uma rota independente com escolhas educativas autônomas.

Os critérios mais significativos para categorizar os atores e os processos que constituem e definem a educação à distância são: o estudante, o tutor/orientador, o processo de aprendizagem, o processo de ensino, o processo de comunicação, o material

³ Os conceitos de governança aqui apresentados se referem à capacidade de gerir de forma eficiente o processo comunicacional nos espaços digitais de aprendizagem, com base nos estudos epistemológicos das teorias da Comunicação e Educação.

de ensino aprendizagem (criação, desenvolvimento, produção e distribuição), o lugar, o tempo, o corpo educacional e a avaliação. A evolução da EaD foi marcada por novas abordagens para as ciências da educação. Segundo Moore e Kearsley (2007),

provavelmente, a primeira pessoa a sugerir que era necessária a pesquisa em educação à distância foi J. S. Noffsinger, o primeiro diretor do Conselho Nacional do Estudo em Casa (NHSC – National Home Study Council), que tomou a iniciativa de produzir a primeira descrição sistemática da educação por correspondência norte-americana (Noffsinger, 1926). [...] Os *Brandenburg Memorial Essays*, um conjunto de contribuições de pensadores e praticantes notáveis da época após a Segunda Guerra Mundial, editados por Charles Wedemeyer, apareceu em dois volumes (1963 e 1966). Entre os poucos canais para publicação, existiam os boletins da NUCEA e do NHSC, e o boletim do ICCE, que Wedemeyer iniciou em 1971. A situação melhorou quando entraram em circulação dois periódicos estrangeiros: *Distance Education* (uma publicação interna da Universidade Aberta do Reino Unido) e a *Epistoladidaktica*, publicada pelo Conselho Europeu de Estudo em Casa. Essas publicações são, no entanto, difíceis de obter nos Estados Unidos, e suas políticas editoriais indicavam que não havia disposição para publicar pesquisas norte-americanas. (MOORE E KEARSLEY, 2007, p. 236)

Durante a maior parte da história da educação à distância, houve poucos investimentos em pesquisa e não foi criada nenhuma teoria formal. Os pesquisadores encontravam dificuldades para publicar trabalhos na área e serem reconhecidos. “A teoria mais antiga no idioma em inglês é a Teoria de Interação a Distância proposta por Moore” (MOORE E KEARSLEY, 2007, p. 251), na qual existem duas variáveis críticas básicas: estrutura e diálogo, relacionados à autonomia do aluno que, em sua essência, é uma teoria pedagógica.

As principais teorias da educação formal que preconizam as teorias da educação a distância são as teorias das escolas de pensamento behavioristas, cognitivistas e construtivistas, as quais se observam sobreposições de ideias e alguns princípios semelhantes. São elas:

Teorias behavioristas (“o que”) utilizam conceitos de aprendizagem para ensinar os fatos. Por meio da observação do comportamento do aluno é verificado de forma quantitativa, se o aluno aprendeu e assim, ignora os efeitos do pensamento e seus processos que ocorre na memória. A escola avalia *comportamentos* que podem ser observados e medidos como indicadores de aprendizagem.

Teorias cognitivas (“como”) são fundamentadas na aprendizagem que envolve um processo interno da memória, do pensamento, da reflexão, da abstração e da motivação. Reconhece a importância das diferenças individuais e promove estratégias

de aprendizagem para amenizar essas diferenças *de estilo de aprendizagem*, ou seja, “como” o aluno percebe, interage e responde em um ambiente de aprendizagem.

Teorias construtivistas (“porque”) utilizam conceitos para fundamentar o pensamento que promove significados pessoais e a aprendizagem é baseada em contexto. Os alunos possuem “voz ativa” em detrimento à “voz passiva”. O conhecimento é criado a partir da interpretação individual do aluno sobre uma determinada informação, que é recebida por meio dos sentidos. O aluno é o centro da aprendizagem junto com o professor, que constroem o conhecimento de forma co-participativa, ao invés, de ser dado o conhecimento somente por meio da instrução.

Wedemeyer (1971)⁴ teorizou o estudo autônomo e a independência intelectual como essência da EaD. O “método do estudo independente não é, nos seus conceitos básicos, diferente de outros métodos de ensino-aprendizagem”. Evidenciou os aspectos sobre a personalização dos cursos e sua relação com a rigidez na apresentação dos formatos dos materiais e por consequência, pouca liberdade para determinar os objetivos e as atividades por parte dos professores e alunos. A comunicação bidirecional entre professor e aluno tende a individualizar a educação.

Moore (1972)⁵ desenvolveu o conceito da “distância transacional” em que defende que a distância não é física (geográfica), mas sim pedagógica (fenômeno) e propõe a transposição dessas distâncias, por meio de três variáveis: o diálogo educacional, a estrutura do programa e a autonomia do aluno. “O diálogo está relacionado com a capacidade de comunicação entre o mestre e o aprendiz”.

Holmberg (1989)⁶ teorizou a comunicação professor-aluno na educação a distância e definiu o nível de “comunicação real”, comunicação bidirecional (professor-

⁴ “Charles Wedemeyer é considerado o pai da EaD americana. Defensor da liberdade e escolha para o aprendiz, o aprendizado independente, além de conter relação intrínseca com os princípios da equidade e acesso, também dizia respeito a questões relacionadas à autoinstrução e à auto regulação, preocupando-se com a aprendizagem, “mas sob o controle geográfico e temporal do estudante”.

Fonte: http://ltc.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/Capitulo_SIED_ENPED_struchiner_carvalho.pdf.

Acesso em 03/01/2016

⁵ “Michael Moore leva em conta a autonomia do estudante, em diferentes graus e classifica os programas de acordo com o grau de autonomia que estes oferecem ao estudante nas áreas de planejamento, implementação e avaliação da instrução”.

Fonte: http://ltc.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/Capitulo_SIED_ENPED_struchiner_carvalho.pdf.

Acesso em 03/01/2016

⁶ “Borje Holmberg, teórico reconhecido da EaD, que apresentou o “método de conversação didática guiada”. “O sistema a distância implica estudar por si mesmo, mas o aluno não está só; vale-se de um curso e de interação com instrutores e com uma organização de apoio. Produz-se, assim, uma espécie de diálogo em forma de tráfego de mão dupla”. Fonte: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&ddl=2738>. Acesso em 02/01/2016

aluno), comunicação síncrona e assíncrona, podendo ser ou não, mediada pela tecnologia (carta, telefone etc). Definiu também o nível de comunicação simulada e a comunicação unidirecional indireta, no qual ocorre quando o professor e o aluno criam os recursos didáticos entre si.

Ao sintetizar algumas das teorias da educação formal que convergem com as definições dos principais autores da educação a distância e suas respectivas correntes teóricas, observa-se a convergência com diversas correntes teóricas que compõem as teorias da comunicação, dada pela importância e impacto que tiveram ao longo dos anos na sociedade educacional contemporânea.

TEORIAS DA COMUNICAÇÃO VERSUS TEORIAS DA EDUCAÇÃO

No campo da Teoria da Comunicação com o surgimento da Escola Canadense, no início dos anos 50, seu principal campo de estudo está fundamentado na reflexão sobre o impacto das tecnologias sobre a comunicação de massa. McLuhan foi autor das primeiras ideias sobre a transformação do comportamento do receptor em função da introdução do computador e suas possibilidades interativas.

Do ponto de vista pedagógico, a comunicação nos espaços digitais de aprendizagem ocorre de forma sistemática e programada, em que as informações ficam disponíveis em um plano de curso para o aluno, por meio de uma agenda e este é convidado a participar das atividades de forma guiada, por um tutor, ou autodirigida. Ou seja, gerir esses “vários modos de conexão” entre o sistema e o aluno, configuram uma gestão do sistema comunicacional destes ambientes.

“Cada nova tecnologia cria um ambiente novo (adaptação), pois afeta o corpo e a mente. A emergência de uma nova tecnologia é uma reprogramação sensorial, pois as tecnologias forjam as formas de ver o mundo, representar as coisas e perceber a nossa própria vida” (MCLUHAN, 1964, p. 98). Representação e percepção são componentes de um processo de comunicação que se estabelece a partir da valorização das relações humanas e o modo como os meios de comunicação interferem nos aspectos comportamentais e sentimentais que estão acima de qualquer ideologia.

McLuhan, afirma que o “*meio*” é o elemento determinante da comunicação e não simplesmente um canal de passagem do conteúdo, pois este é capaz de modificar a mensagem. Nos espaços digitais de aprendizagem, as tecnologias de interação e

comunicação proporcionam “a passagem do conteúdo”. Para ele, “participar não é interagir, e sim, completar informações na mente” (MCLUHAN, 1964, p. 54).

Ao referenciar os aspectos cognitivos do ser humano em que as tecnologias enquanto sistemas, ainda não possuem mecanismos para mensurar o quanto um indivíduo conhece sobre uma determinada informação, que está disponível nestes espaços, McLuhan afirma que,

hoje o jovem estudante cresce em um mundo eletricamente estruturado, não é mundo de rodas, mas de circuitos, não é um mundo de fragmentos, mas de configurações e estruturas. O estudante, hoje, vive miticamente e em profundidade. Na escola, no entanto, ele encontra uma situação organizada segundo a informação classificada. Os assuntos não são relacionados. Eles são visualmente concebidos em termos de um projeto ou planta arquitetônica. O estudante não encontra meio possível de participar dele, nem consegue descobrir como a cena educacional se liga ao mundo mítico dos dados e experiências processados eletronicamente e que para ele constitui ponto pacífico. (MCLUHAN, 1964, p. 11)

No contexto do estudo da física clássica em que os principais conceitos são a previsibilidade, a linearidade e a regularidade, ou seja, a cada “ação há uma reação” é possível refletir acerca do planejamento dos espaços digitais de aprendizagem, como ferramentas de “ação e reação” e gerenciados a partir de “uma ideologia tecnicista e normativa” (WOLTON, 2011, p. 30), que se resumem em uma relação de atos e regras de funcionamento, fundamentados na entrega de conteúdos lineares e previsíveis que não estimulam a comunicação e a interatividade (“ação entre”) dos interlocutores.

A capacidade de interagir significa ter um comportamento e uma atuação crítica diante dos instrumentos que fazem parte da aprendizagem. Nos espaços digitais de aprendizagem, “favorecer a participação” remete à “mediação”, que pode ser realizada, ou não, por meio de um terceiro interlocutor que media a comunicação entre dois indivíduos. Neste contexto, significa explorar o quanto eu conheço sobre um determinado tema e o quanto eu posso “trocar”, com o outro, sobre esse mesmo tema, a partir dos processos e práticas comunicacionais que se estabelecem por meio de uma “governança”, que têm na essência do seu significado os verbos: avaliar, dirigir, monitorar, ou seja, como decidimos o “modo de nos comunicarmos”.

Ao constatar o conjunto das teorias contemporâneas da comunicação e da aprendizagem, encontramos tipos diferentes de teorias e cada uma delas enfatiza um determinado aspecto. Na Teoria Social da Aprendizagem, Illeris (2013) postula um

modelo conceitual de princípios que “favorece a participação” a partir de quatro premissas:

- Somos seres sociais. Longe de ser uma verdade trivial, esse fato é um aspecto central da aprendizagem.
- O conhecimento é questão de competência com relação às atividades valorizadas – como cantar com afinção, descobrir fatos científicos, consertar máquinas, escrever poesia, ser gregário, crescer como garoto ou garota, e assim por diante.
- O conhecimento é questão de participar da busca dessas atividades, ou seja, de envolvimento ativo no mundo.
- O significado – nossa capacidade de experimentar o mundo e o nosso envolvimento com ele como algo significativo – é, em última análise, o que a aprendizagem deve produzir. (ILLERIS, 2013, p. 248)

O foco principal desta teoria é a aprendizagem social em que o aluno constrói uma “identidade, como sendo um modo de falar sobre como a aprendizagem muda quem somos e cria histórias pessoais de formação no contexto de comunidades” (ILLERIS, 2013, p. 249), constituído a partir da construção de significados e de práticas em uma determinada comunidade que pertencemos, seja ela face a face ou nos espaços digitais de aprendizagem. Estar inserido em uma “comunidade de prática” significa conhecer e conviver com as diferenças entre “informar e comunicar”, conceito preconizado por Wolton (2011) em que,

a comunicação é a relação, que é muito mais complexa. É falso pensar que basta informar sempre mais para comunicar, pois a onipresença da informação torna a comunicação ainda mais difícil. O aumento da circulação de informações, sempre mais rápida, não aumenta a comunicação nem a compreensão – pelo contrário, leva à “incomunicação”. (WOLTON, 2011, p. 18)

Nos espaços digitais de aprendizagem a “incomunicação” ocorre a partir da oferta densa de conteúdos em que o aluno se depara com uma arquitetura informacional (sem motivação) em detrimento à comunicacional. “Ontem, o horizonte normativo consistia em conseguir entrar em comunicação. Hoje, consiste antes de tudo em administrar a incomunicação, por meio da negociação, para construir as condições de convivência” (WOLTON, 2011, p. 18).

O autor enfatiza o termo “conviver” em detrimento a uma “negociação” constante, ou seja, a troca constante de informações, por meio da convivência, atribui um significado ao conhecimento e que será um dos grandes desafios do século XXI, criar condições para coabitar pontos de vistas diferentes nestes espaços.

A construção das condições de convivência nos espaços digitais de aprendizagem está em propiciar o engajamento pleno dos participantes para estimular a

motivação. “Os recursos audiovisuais não são “motivação”, como muitos pensam (dirigem-se à percepção). Motivação é fazer com entusiasmo o que se está fazendo” (LIMA, 1971, p. 35). Para Jean Piaget⁷, “a fixidez da percepção é obstáculo às operações mentais. Ela prejudica ou desestimula a reflexão”.

Uma das teorias da Comunicação baseada no relacionamento e na convivência entre os seres e as mídias, formulada por McLuhan (1964), preconiza que os “meios” são extensões do corpo humano e atuam sobre um ou mais sentidos (visão, audição, tato, paladar e olfato). É pelo uso dos sentidos que as pessoas percebem e entendem o ambiente que as cercam.

McLuhan classifica os *meios* em dois grupos: “quentes e frios”, de acordo com o uso dos sentidos. *Meios quentes* podem ser comparados com as tecnologias assíncronas dos espaços digitais de aprendizagem, porque ampliam um único sentido, possuem um grande volume de informação, quanto maior o volume de informação transmitido pelo meio, mais quente ele é. “Os receptores participam menos, porque o volume de dados que é apresentado a eles, é suficiente para que eles compreendam” (MCLUHAN, 1964, pp.38-50). Os recursos utilizados nos espaços digitais de aprendizagem como imagens, áudio, vídeo etc, são classificados como meios quentes porque possuem volume de informação que faz com que a informação seja compreendida.

Os *meios frios* podem ser comparados às ferramentas síncronas porque envolvem todos os sentidos, leva menos informação, o conteúdo apresenta lacunas de sentido. Permitem maior participação dos alunos, para que eles venham a preencher essas lacunas, no percurso da aprendizagem. Exemplo: utilizar uma ferramenta de *chat* no ambiente/sistema exige uma resposta do interlocutor ou assistir à TV onde o aluno perde partes do conteúdo porque há muito estímulo para os sentidos e desta forma *impõe mudanças* no modo de assistir o que já não acontece com os meio quentes.

Para Barbero (2014) “há um ecossistema comunicativo catalisador de sinergias entre os modelos tradicionais das instituições modernas e o surgimento das novas formas de pertencimento e sociabilidade” (BARBERO, 2014, p. 150). A *imposição* nos modos de acessar um determinado conteúdo evidencia uma “leitura de mundo”, de forma cidadã e emancipadora, sobre os processos e práticas comunicacionais que

⁷ Sir Jean William Fritz Piaget [...] foi um epistemólogo suíço, considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Defendeu uma abordagem interdisciplinar para a investigação epistemológica e fundou a Epistemologia Genética, teoria do conhecimento com base no estudo da gênese psicológica do pensamento humano.

Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/jean-piaget-428139.shtml>. Acesso em: 01/01/2016.

colocam em relevo, novas formas de “estar juntos” em detrimento ao “estar interconectados” nos espaços educacionais digitais.

CONCLUSÃO

Ao responder a pergunta inicial: *qual a importância da “governança e gestão da comunicação” nos espaços digitais de aprendizagem?* Em todo planejamento, execução e avaliação do processo de aprendizagem nos espaços digitais de aprendizagem, a comunicação se apresenta como elemento fundante na governança e gestão destes espaços e de acordo com as principais teorias da EaD e da Comunicação, o grau de importância e aplicação destes conceitos permitem ultrapassar as fronteiras da aprendizagem por meio de caminhos integrados e conectados, para um mundo/sistema em constante transformação. Assim como a gestão está em “saber fazer” o planejamento, saber construir, saber entregar e saber monitorar, a governança, está em saber “como entregar”, “como monitorar” e “como gerir” o resultado de uma ação comunicacional especializada.

Essas são algumas reflexões, que devem ser consideradas ao planejar processos e práticas comunicacionais, nos espaços digitais da aprendizagem e não existe um grau de importância maior ou menor entre governar e gerir, ambos são conceitos essenciais e complementares na gestão destes espaços que integram os fluxos comunicativos.

A avaliação holística da relação comunicacional nos espaços digitais de aprendizagem requer tempo, profundidade e disposição. Na arquitetura dos ambientes, enquanto sistema de informação existe a valorização da informação em detrimento da comunicação. Para Wolton (2011), “repensar as relações entre informação e comunicação implica, antes de tudo, “destecnologizar” a questão da comunicação e lembrar que a tecnologia indiscutivelmente facilita a comunicação humana” (WOLTON, 2011, p. 31).

As estratégias para apresentar ritmos de comunicação que possam construir outros discursos, a partir das práticas sociais, resultam em uma educação transdisciplinar e transmidiática. Privilegiar a “informação-relacional”, que permeia todas as categorias de informações é uma preocupação emergente para ampliar a eficácia da comunicação entre os interlocutores, a fim de transcender o modelo instrumental da comunicação nos espaços digitais de aprendizagem.

Conceber e gerir espaços digitais para a aprendizagem está em criar configurações não como algo acabado e definitivo, mas permitir que o “outro” também possa fazer parte do percurso da aprendizagem com o objetivo de criar “interconexões plurívocas”.

REFERÊNCIAS

BARBERO, J. M., **A comunicação na educação** (trad. Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo). São Paulo: Editora Contexto, 2014.

ILLERIS, K., Org., **Teorias contemporâneas da aprendizagem**. Porto Alegre: Editora Penso, 2013.

LIMA, L. O., **Mutações em educação segundo McLuhan**. Petrópolis: Editora Vozes, 1982

MCLUHAN M., **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

MOORE, Michael G.; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância: uma visão integrada** – Edição especial ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. São Paulo: Editora Thomson Learning, 2007.

WOLTON, D., **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.